

ONDE VIVEM OS MONSTROS IMAGENS DE MATERNIDADE E PROTEÇÃO NA OBRA

BEATRIZ GONÇALVES JAKSYS
ORIENTADOR: PROF. DR. FÁBIO CIQUINI

INTRODUÇÃO

A obra cinematográfica “Onde Vivem os Monstros”, foi lançada em 2009 e dirigida por Spike Jonze, mesmo diretor de “Her” (2013). O filme é do gênero fantasia e drama, inicialmente voltado para crianças, porém, percebe-se que os temas abordados na obra transcendem o universo infantil e também podem ser destinados aos adultos.

Mesmo assistindo esse filme pela primeira vez, já é notável uma forte potência de imagens pois claramente nascem dos sonhos e temores do protagonista.

O enredo é centrado em Max, garoto de nove anos que após uma briga com a mãe, foge de casa, atravessa um oceano e chega em uma ilha onde encontra um grupo de monstros que refletem diversos problemas e figuras da vida cotidiana do garoto e lá ele aprende a lidar melhor com seus conflitos.

Por ser um filme de fantasia, tem gerado diversas leituras psicanalíticas, do mesmo jeito que acontece com livros e filmes como Alice no País das Maravilhas (1865), As Crônicas de Nárnia (1950-1956), Meu Amigo Totoro (1995), A História Sem Fim (1979), Peter Pan (1911), entre outros.

Há vários exemplos, obras que quando somos criança assistimos ou lemos acreditando em cada detalhe como um mundo que é praticamente uma realidade paralela. Quando crescemos e as revemos, ressignificamo-as, descobrindo que essas obras não são apenas para crianças, mas também sobre crianças, explorando e criando mundos novos que espelham problemas que têm em casa ou então conflitos de suas

próprias personalidades. Por esse olhar é possível e necessária uma aproximação com alegorias e seu caráter metafórico e imagético como formas de ilustrar conflitos.

Nesse sentido, o objetivo central desse estudo é refletir, por meio da obra referida, sobre as imagens simbólicas que tratam da relação mãe e filho, essas imagens são presentes no filme de forma mais instigante, são as que remetem o nascimento, o útero, ambientes que envolvem e protegem Max em momentos-chave do filme.

O objetivo deste estudo veio da necessidade de adentrar essa noção primária sobre o filme, e, através da pesquisa, verificar possíveis significados da imagem presentes no filme. Para essa compreensão é fundamental compreender os conceitos de arquétipo e inconsciente coletivo em Carl Gustav Jung.

CONCEITO DE ARQUÉTIPO E INCONSCIENTE COLETIVO

Na interpretação desse estudo, Max ao fugir de seus problemas procura a solução em imagens que literalmente o envolvem (mais a frente serão mostradas), são imagens com formatos esféricos, e em sua maioria mornas, fazendo uma referência à imagem de um útero, que está ligado a maternidade e o tema da volta ao ventre, é o local de máxima proteção. Entretanto, em nenhum momento do filme isso é deixado explícito, então, como isso é identificado? Por meio de imagens que já estão tão enraizadas na cultura que nós nem sabemos identificar em que momento da vida aprendemos seus significados e que muitas vezes temos dificuldade de percebê-los conscientemente, são os arquétipos definidos por Carl Jung.

A autora Jean Shinoda Bolen, explora bem os padrões arquetípicos junguianos do homem e da mulher nas obras “As deusas e a Mulher” (1990) e “Os deuses e o Homem” (2002, p.24), nesse segundo trabalho, ela define os arquétipos a partir de Jung, como

padrões preexistentes, latentes e internamente determinados, de ser e se comportar, de perceber e reagir. Esses padrões estão contidos no inconsciente coletivo, aquela parte do inconsciente que não é individual e sim universal, compartilhada. Esses padrões podem ser descritos de maneira personalizada, como deuses e deusas; seus mitos são histórias arquetípicas. Esses dinamismos despertam sentimentos e imagens, e tratam de temas universais que fazem parte de nosso legado humano comum.

A questão dos mitos, é que funcionam como base estrutural dos comportamentos, Jean coloca-os como algo que “soa verdadeiro” para a vivência humana, que mesmo para quem ouve pela primeira vez, há familiaridade, um estalo em que a pessoa se reconhece em um mito ou deus. Quando seus sentidos são analisados, funcionam como sonhos, fazem com que comportamentos e a personalidade da pessoa façam sentido, a diferença é que o sonho funciona individualmente, embora possam ser reproduções de arquétipos, que no caso são universais. Os arquétipos, ainda nas palavras de Shinoda (2002, p. 24), são uma “estrutura básica ‘vestida’ ou ‘corporificada’ ou ‘detalhada’ pelo indivíduo (...) cuja singularidade é moldada por sua família, classe social, nacionalidade, religião, pelas experiências de vida e pela época em que vive, assim como por sua aparência física e inteligência. Mesmo assim, é possível reconhecer que ele segue certo padrão arquetípico.”.

Segundo Jung (apud Bolen 1990, p.27), há tanto os ‘padrões arquetípicos’, universais, e os ‘arquétipos ativados’, que funcionam dentro de nós. Todos nascemos com capacidade de desenvolver qualquer traço, da mesma forma que talentos, porém sempre há uma predisposição maior de algo desde que somos bebês, desde já mostramos esses ‘arquétipos ativados’ e alguns são mais aceitos socialmente que outros e isso também influencia no desenvolvimento da psique. Pelos estudos da psicologia, é importante entender os arquétipos para compreender qual o arquétipo ativo nela, para a partir disso entender o que foi reprimido ou desenvolvido nela devido a traumas ou expectativas da sociedade/família e então trabalhar em cima dos potenciais traços negativos ou positivos do indivíduo.

Da mesma forma que os arquétipos podem estar vivos nos traços de alguém, na personalidade e serem identificados como deuses, podem ser qualquer padrão que nem sabemos mais quando começou, como ‘a amante’, ‘a bruxa’, ‘Lilith’, ‘a deusa’, até instituições, animais ou elementos presentes na natureza, como ‘a Igreja’, ‘a gruta’, ‘o coelho’. Tudo que o Homem já entrou em contato ao longo da história vai se enchendo de significados e dos já ditos padrões e aparecem no próprio Homem, em seus sonhos e em todas suas construções culturais.

No caso do filme estudado, esses padrões aparecem de forma imagética, pois são manifestações dos conflitos de Max. Ilustram o que tem de errado em sua relação familiar, o que ele não sabe lidar de sua personalidade e também como soluções para seu desenvolvimento pessoal, independentemente de terem sido planejados pelo diretor ou no roteiro. Há também a incessante busca de Max pelo arquétipo da Mãe idealizada, ele quer aquele padrão de mulher que o protege e está sempre presente, que vive em função do filho.

Onde os arquétipos ficam? Na definição de inconsciente coletivo de Jung (2002) o autor afirma que há conteúdos e modos de comportamento que se repetem na psique pessoal de todos os indivíduos, esses conteúdos são os arquétipos, são primariamente presentes nos sonhos, ainda de forma mais individual e incompreensível, evoluindo para a manifestação mais específica em contos de fadas, mitos e ensinamentos esotéricos.

As imagens arquetípicas são anímicas, ou segundo Jung (2002) “a alma traduz o processo físico em sequência de imagens, as quais muitas vezes não têm conexão visível com o processo materialista (...) há uma existência anímica, a qual escapa aos caprichos e manipulações da consciência. ”.

No inconsciente pessoal, os conteúdos são adquiridos por experiência própria, agora no caso dos arquétipos presentes no inconsciente coletivo, existem através da herança (não diferentes dos instintos) que se cria da repetição da mesma experiência durante várias gerações e sem necessidade de terem sido conscientizados em sua aquisição, formas presentes em todo o tempo e todo lugar. Na mitologia são chamados de temas ou motivos, se refletindo na sociedade como comportamentos instintivos que nunca são aprendidos/ensinados conscientemente.

O mais importante quando se pensa em inconsciente coletivo, é a noção de repetição e hereditariedade. O inconsciente coletivo foi sendo preenchido através das gerações desde a origem do homem, experiências que foram sendo repetidas e criaram conceitos/conteúdos que ocupam esse imaginário e influenciam a sociedade em comportamento, cultura, crenças, etc., e ainda estamos enchendo esse inconsciente, não é algo que tenha um limite.

Pode parecer um conceito completamente abstrato e improvável a primeira vista, mas o próprio Jung (2007, p.59) demonstra em sua obra um método de comprovação:

“A seqüência de fantasias que vêm à tona alivia o inconsciente e representa um material rico de formas arquetípicas. Evidentemente, este método só pode ser aplicado a determinados casos cuidadosamente (...) como fonte interessante de material arquetípico, dispomos dos delírios dos doentes mentais, das fantasias em estado de transe e dos sonhos da primeira infância. (...) Mas ele de nada valerá se não conseguirmos encontrar paralelos históricos convincentes. É claro que não basta ligar um sonho acerca de uma serpente à presença mítica da mesma; pois quem garante que o significado racional da serpente no sonho é o mesmo do encontrado em seu contexto mitológico? (...) Como os símbolos não podem ser arrancados de seu contexto, devemos apresentar descrições exaustivas, tanto da vida pessoal como do contexto simbólico.

COMO OS ARQUÉTIPOS SE MANIFESTAM NA OBRA

Segundo Freud (1916, apud Caridade, 2016) “quando um desejo não encontra o seu objeto, que nunca o encontrará, o Eu acaba criando integralmente na sua imaginação” e esse é o ponto chave da obra que Caridade (2016) compreende em seu artigo sob a ótica da psicologia. A criação da ilha seria o inconsciente de Max projetando um desfecho novo para seus problemas, um mundo inteiro para Max reinar e ser reconhecido, sem as frustrações de sua realidade.

Seu novo mundo e as imagens que ele cria, não podem ser totalmente decifradas por serem de uma carga simbólica muito grande, são tão subjetivas quanto foram capazes de serem expressas em um filme, nós digerimos seus significados sem nem perceber. Por exemplo, é bem explícito que ao longo da jornada, Max passa por um processo de amadurecimento e descoberta pessoal, mas é implícito e subjetivo que esse processo é contado com as imagens maternais e acolhedoras. Imagens arquetípicas, vão simplesmente surgindo de forma natural, como se esse fosse o único caminho, iconograficamente, possível de ser tomado. Como escrito por Jung (2002) “o arquétipo é apenas a forma, não o conteúdo, só é determinada pelo conteúdo quando se torna consciente, portanto preenchida com o material da experiência consciente”

Essa separação entre forma e conteúdo precisa ser sempre feita, no filme, essa separação seria ver o conteúdo como as experiências e comportamentos de todas as personagens (que são comportamentos, perfis e experiências já existentes no imaginário social), agora a forma é quando isso é trazido para a consciência como imagem.

A presença de arquétipos vem para a superfície pelas experiências e problemas do protagonista, como as expressões do arquétipo materno. Os exemplos que serão postos nesse estudo, não colocam esses arquétipos em caixas fechadas, mas sim faz uma leitura de certas imagens do filme como representações de cada arquétipo

Baitello (2014, p. 104), relaciona as más experiências e a criatividade (o aspecto mais forte de Max), “todas as marcas “negativas” do homem acabaram por contribuir infinitamente para sua criatividade. Os sonhos mais irrealis e o imaginário mais absurdo, as patologias mais dolorosas ofereceram ao homem o alargamento de seu horizonte perceptivo e estético.”, ele fala em uma escala do homem como sociedade, mas pode facilmente ilustrar que o número de angústias de Max se traduz em sonho.

Os arquétipos presentes no filme aparecem de duas formas. Como são padrões de comportamentos, e temos vários dentro de nós, foi como se a mente da criança tivesse criado cada monstro da ilha como a personificação arquetípica de algum problema, alguma pessoa da vida dele ou dele mesmo, em alguns momentos com os aspectos se misturando em um novo ser. Porém, o estudo foca na outra aparição das imagens arquetípicas que remetem ao útero, à maternidade e proteção, essas que não são necessariamente fruto da imaginação de Max sempre, pois estão presentes desde a “realidade” do menino, são sempre espaços onde ele encontra maior conforto e segurança, e depois no mundo fantástico eles voltam a aparecer porém de forma ainda mais intimista como veremos. Além do mais, cada aparição serve como recurso narrativo para o desenvolvimento do personagem.

Como a história gira em torno da relação Mãe-filho e Criança-família, o arquétipo materno⁸ é o mais presente na obra e os problemas de Max em se relacionar com suas

⁸ De certa forma, o fato de eu ter relacionado cavernas às imagens que lembravam o útero sem nunca ter tido contato técnico e acadêmico com o arquétipo materno, mas já ter enquadrado tudo isso em ideias de útero, proteção e regressão

figuras maternas é o que determina a repetição da aparição de algumas facetas desse arquétipo. Não é o objetivo aqui tabelar nem listar essas facetas, mas sim reconhecer algumas delas e compreender como a dinâmica entre Max e o materno são origem de suas fantasias

Em Jung (2002, p. 92), são listados atributos ligados ao maternal,

a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar da transformação mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favoráveis; o secreto, o oculto, o obscuro, o abissal, o mundo dos mortos, o devorador, sedutor e venenoso, o apavorante e fatal

No mesmo capítulo, Jung também escreve que os efeitos traumáticos causados na criança pela mãe, podem ser tanto por características que ela possui realmente quanto por características que a criança projeta fantasiosamente, arquetipicamente. Essa segunda ocorrência é devido ao desenvolvimento peculiar da imaginação da criança, pode ter influência de características negativas da mãe, mas é bem aumentado pela psique do filho. Não é diferente no filme, a mãe de Max é uma mãe comum, ama muito o filho e cuida bem dele, porém é muito ocupada, além da irmã, que arquetipicamente também pode ocupar o lugar do materno, ela está na puberdade e em sua vida há mais espaço para os amigos do que para o irmão mais novo. O garoto não entende que elas estão em fases da vida que ou estão muito ocupadas ou elas mesmas não compreendem sua forma de expressão, somado a aparente falta de amigos de sua idade, ele interioriza isso como negligência (e realmente é, mas não é feito por maldade nem falta de carinho) e a partir disso, as situações mostradas ao espectador e todo o *background* que fica implícito, se transformam em neuroses.

de Max a tudo isso, mesmo antes de começar a pesquisa, é uma prova do inconsciente coletivo, o que eu fiz em um primeiro momento foi conscientizar os arquétipos através de uma reflexão rápida.

ASPECTO NARRATIVO DO FILME ATRAVÉS DAS IMAGENS ARQUETÍPICAS E OS CICLOS QUE ELAS FORMAM

É importante deixar claro que o objetivo deste trabalho não é uma análise psicológica do filme, mas sim considerá-lo sob a ótica da semiótica da cultura, e, nesse sentido para privilegiar a ancestralidade das imagens, o melhor modo encontrado foi através da compreensão do que é arquétipo. A semiótica da cultura compreende que as imagens se reciclam, uma imagem na cultura nunca morre⁹, mas sempre ressoa nas imagens que vão sendo produzidas, é como se a semiótica explorasse a forma (as imagens que estão em parágrafos abaixo) e os arquétipos nos mostram de forma empírica e sistemática o que preenche essas imagens e o entendimento do que eles são nos mostram o porquê disso ocorrer. O entendimento desses dois campos se completam.

Indo ao aspecto narrativo da obra, é uma história contada sempre por ciclos, um que começa no começo e termina apenas na última cena e outros pequenos que se formam por elementos que aparecem primeiramente na “realidade” de Max e são resgatados no mundo dos monstros e que em conjunto fazem sentido e contam alguma evolução de personagem que ocorreu ou então algum comportamento prejudicial feito por alguém e repetido na ilha. Esses elementos são as imagens arquetípicas explicadas anteriormente e serão finalmente ilustradas nesse item.

Há várias expressões que servem para remeter ao maternal, dependendo da imagem utilizada no filme, pode ser uma fortaleza, o iglu, uma caverna, o próprio útero, todos possuem o mesmo significado para Max, o de envolvimento corporal que nada mais é que a “volta ao útero”, um espaço redondo, escuro e isolado do exterior. O importante é que haja a compreensão dos motivos de Max buscar e até construir esses espaços e da jornada e evolução que é feita do começo ao fim da obra para que ele

⁹ Baitello (2014, p. 25): “Em cultura não há a morte – e isso ocorre graças às imagens.”

finalmente consiga uma conexão verdadeira com o arquétipo materno que ele sente necessidade.

O Iglu



É a primeira aparição do tema, logo na primeira cena pós introdução, possui todas as características citadas no parágrafo anterior, sendo um espaço criado pelo próprio Max sozinho. Como o personagem está em seu primeiro estágio e sem nenhuma evolução, é a fase que está mais afastado da mãe narrativamente, ainda é falho como útero pois é uma construção dele sozinho, é frio, frágil e não o protege, ele é inclusive mostrado dentro do iglu solitário e triste.

É também o primeiro ambiente em que ele sofre alguma violência, que é devido à falta de compatibilidade com os amigos da irmã, que ao brincarem com ele, erram o tom, pulam no iglu e o destroem. O aspecto do filme funcionar com ciclos já se mostra também nessa parte, pois essa violência que é feita com Max ele repete no quarto da irmã adolescente, destruindo alguns objetos dela.

O Quarto de Max



Após sua explosão de raiva, somos conduzidos ao quarto do menino, onde encontramos todos esses elementos. Da mesma forma que a destruição de Max do quarto de Claire repete a destruição de seu iglu pelos meninos, a imagem 5 repete o iglu, é algo que ele construiu sozinho e com formato de caverna e que o protege, já há certo avanço em relação ao arquétipo de um útero pois agora é um ambiente mais quente (até na fotografia) e em nenhum momento é destruído.

As imagens 2, 3 e 4 são elementos que já estavam em seu quarto e é de grande importância serem citados agora pelo motivo que serão resgatados em outro momento do filme com grande importância narrativa, nesse momento do filme não possuem tanta relevância, apenas fazendo previsões curtas do que será tratado mais à frente.

A Fantasia de Lobo



Essa fantasia que Max usa é muito simbólica, é uma forma diferente do arquétipo explorado devido à forma, mas o conteúdo é o mesmo, algo que ele utiliza para se proteger e nesse caso para afirmar sua identidade selvagem, ele grita, corre com ela, se comporta realmente como um lobo, também é essa fantasia que o torna mais parecido com os monstros quando chega na ilha.

O Primeiro dia na ilha



Logo que ele chega na ilha, vemos essas esferas – que foram resgatadas das imagens 3 e 4 –, casas dos monstros, sendo destruídas devido a brigas internas do grupo, e Max começa se junta a confusão também pois encontra nisso a primeira vez que alguém expressa frustração da mesma forma que ele. O principal membro dessa confusão é Carol, que vamos entendendo que é o que está mais frustrado no grupo de monstros e apresenta mais características em comum com o menino vestido de lobo, não incidentalmente, é o que mais se aproxima dele também afetivamente.

Toda a situação é um espelho tanto de Max destruindo o quarto da irmã quanto uma repetição dos atos que os adolescentes fizeram com seu iglu, mas agora Max que é o forte e pode destruir os “iglus” dos outros. Depois os monstros o confrontam sobre o motivo dele ter feito isso, chamam ele de problema, assustador, perigoso, é provavelmente o momento que ele entende que esse não é o caminho certo, que da mesma forma que ele foi magoado no começo do filme, ele magoa os outros com ações semelhantes.

A imagem 8 é já do final do dia quando após eles todos se acertarem, se juntam nesse “montinho” para dormir, novamente, faz parte desse processo que começou no iglu e termina no útero, é o mesmo formato de ambos, ele está protegido e desta vez foi algo que não foi feito só pelo Max, mas sim com seus amigos e o maior avanço entre o iglu e esse novo formato do mesmo arquétipo, é que é quente dessa vez.

O medo da morte simbólica e conscientização da fortaleza como saída possível



Imagem 9



Imagem 10

Há dois pontos importantes para entender as motivações do protagonista, um ocorre na “realidade” e outro na ilha de formas diferentes, mas com o mesmo motivo, é uma breve expressão do medo da morte simbólica. Primeiramente quando Max vai para a aula e o professor fala, de forma não tão delicada, sobre como o sol um dia vai morrer e tudo vai acabar, o menino fica com isso na cabeça e quando está na ilha confia isso em um momento para o Carol após o monstro falar sobre como o deserto um dia já foi pedra, virou deserto e tudo na ilha se tornará deserto e depois nem sabe o que mais. Ambos temem essa incerteza de que tudo vai acabar com uma inocência infantil de não entenderem tão bem o tempo e espaço.

Após esse diálogo sobre o deserto, Carol mostra para Max uma maquete, a da imagem 9, de uma fortaleza (que se assemelha a Imagem 2), onde tudo seria perfeito, todos estariam juntos e em harmonia, e antes todos se reuniam naquele lugar e planejavam fazer um em escala real. Nesse momento também é feita uma analogia ao “medo da morte”, Carol fala sobre como “os dentes vão caindo bem devagar, até se separarem até que um dia você não possui nenhum dente”, não é nada mais que o medo de envelhecer e ocorrer a mudança, não viver mais naquele mundo encantado das crianças que não possuem problemas. A partir disso, Max decide que eles podem sim construir um mundo daquele e começa a construção de uma fortaleza em tamanho real que apenas o que eles quisessem que acontecesse aconteceria, a imagem 10, e mais uma vez é retomado nosso arquétipo central, o formato redondo que poderia mantê-los afastados de qualquer mal.

A construção dessa fortaleza é a busca da sobrevivência e volta ao útero. Volta ao útero pois no passado tudo estava bem tanto com Max e sua família quanto entre os monstros, e seguindo essa lógica, quanto mais se voltasse ao passado, melhor seria a situação, e o primeiro passado de todos é o materno, a busca da sobrevivência seria para que o tempo simbolicamente não passasse, seria a eternidade congelada para que esses conflitos no presente não acontecessem novamente. Não é nada diferente da motivação do Homem a escrever (aqui visto como qualquer mídia, mídia como forma de comunicação e preservação de memória, e a construção da fortaleza é ambos) descrita por Baitello (2014, p.111), “Com a escrita e seus precursores (...) impõe-se o homem sobre a morte e seu tempo irreversível, vencendo simbolicamente seu maior e mais poderoso adversário.”

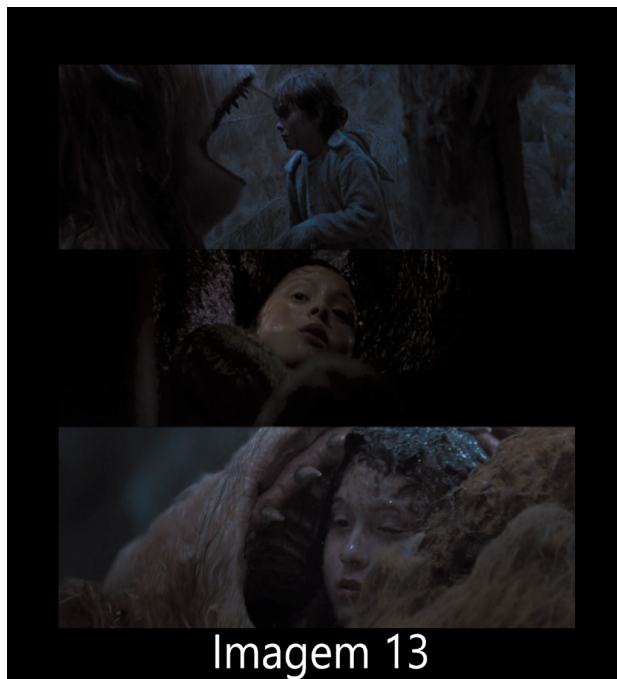
Clímax do filme



Há mais dois momentos da violência como expressão das frustrações, na imagem 11 novamente é retomada a guerra de bolas de neve e Max faz uma divisão entre “bons” e “maus”, ele queria se distanciar do que ele sentia que era visto nele, então se colocou junto dos “bons”, como se realmente estivesse mudado, porém ainda não compreende bem toda a situação. Isso não funciona e ele acaba se tornando opressor como os adolescentes foram com ele e machuca seriamente alguns monstros que estavam no outro time.

Isso desencadeia algumas hostilidades no grupo que faz com que Max seja desmascarado, Carol descobre que ele sua identidade era falsa e da mesma forma que o menino destrói o quarto da irmã no começo, o monstro explode e destrói a maquete. Ele passa pelo mesmo ciclo que Max passa, de se sentir vulnerável e desamparado, expressar isso violentamente e depois a redenção, seu momento de maior violência coincide com pontos chaves da evolução do menino, como veremos no próximo item.

Renascimento de Max



Após as coisas terem dado errado com Carol, Max entende que realmente não é possível dar atenção para todos (o mesmo problema que sua mãe e irmã tinham com ele), ele compreende os conflitos da família porque o próprio se encontrou na ilha nessa posição “maternal”. Para escapar da ira de Carol, a criança alcança o pico de sua evolução e iconograficamente, o momento que mais se aproxima finalmente do útero, o que ele buscou o filme inteiro, encontra e coincide com o fechamento do ciclo de amadurecimento do personagem.

Acontece tudo na sequência da imagem 13, ele é literalmente engolido por KW (que entre os monstros é a que mais possui relações com os problemas de Max com a família), fica em seu estômago, que pode ser lido simbolicamente como o útero e ele está completamente envolvido por uma figura feminina, no escuro, quente e protegido das ameaças externas. E logo que alcança isso ele é posto para fora numa espécie de parto (há até uma gosma nele que não é nada diferente da placenta no recém-nascido),

renasceu com seus conflitos resolvidos e no mesmo momento ele decide voltar para o lar, para a figura real maternal.



No momento em que ele volta para casa e há finalmente o reencontro com sua mãe, ele está em paz com o arquétipo materno, ou seja, tudo que sua mãe representa para ele independente das falhas, já não é mais necessário buscar a proteção no passado da gestação pois ambos se compreendem melhor nesse momento. E a última sequência do filme demonstra isso de forma simples, no começo Max destruía as coisas e gritava para se comunicar e sua mãe não compreendia bem, agora no final, o reencontro não possui nem palavras, eles apenas se abraçam, se olham, ela o alimenta e ambos conseguem descansar finalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após os meses de pesquisa e escrita, um aspecto que ficou claro e não havia sido previsto, foi a importância da interdisciplinaridade para a compreensão da comunicação

e mídia. Esse trabalho não poderia ter sido concluído apenas sob a ótica psicanalítica dos arquétipos Junguianos ou apenas da teoria da comunicação e semiótica.

Os arquétipos foram importantes para entender a origem das imagens digeridas e analisadas, viabilizou fazer conexões entre a psique do personagem e as ideias que já eram presentes desde o começo do trabalho. Entretanto, para assimilar bem a narrativa do filme, o foco foi sempre na semiótica da cultura, que possibilitou entendê-lo como um texto a ser lido, com cada imagem do filme possuindo um significado passível a interpretação subjetiva.

Outro ponto importante do estudo é também entender o filme como uma obra de absurda delicadeza sobre crianças, que se traduz em imagem, entender o universo infantil sem precisar “infantilizar”, apesar porque a própria palavra já possui aspecto pejorativo, o adulto sempre nega o que é infantil (como a irmã de Max faz), e não precisa ser ruim. Todos os conflitos ocorrem por ter aquela criança que quando dá um pouco de problema os adultos lhe gritam “vai brincar pra lá”, e disso ela cria um mundo inteiro e resolve suas perturbações sozinho, adultos possuem tantos problemas que não resolvem, essa criança do filme acaba sendo tão poderosa vendo assim.

Precisamos levar a sério as angústias das crianças para que não cresçam como adultos com infâncias frustradas, para muitos uma época que ouviam que deviam virar adultos, não agir igual crianças (sendo que eram crianças!), que tentam apagar qualquer coisa que remeta aquela época. E todo esse pensamento não poderia ser finalizado sem ao menos uma palavra de alguém que falou tão bem do assunto:

“E nenhuma pessoa grande jamais
compreenderá que isso tenha tamanha importância! ”
– Antoine de Saint-Exupéry (O Pequeno Príncipe)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JUNG, Carl. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

JUNG, Carl. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CARIDADE, Waleff Dias. " ONDE VIVEM OS MONSTROS": UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA SOBRE A FANTASIA. **Revista de Iniciação Científica da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 6, n. 1, 2016.

CONTRERA, Malena Segura. Imagens endógenas e imaginação simbólica. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 23, n. 1, 2016.

BAITELLO, Norval. **A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura**. Paulus, 2014.

CONTRERA, Malena Segura. Mediosfera: Meios, Imaginário e Desencantamento do Mundo. Ed. Imaginalis, 2017.

BOLEN, Jean Shinoda. As Deusas e a Mulher: Nova Psicologia das Mulheres. Edições Paulinas, 1990.

BOLEN, Jean Shinoda. Os Deuses e o Homem: Uma Nova Psicologia da Vida e dos Amores Masculinos. Ed. Paulus, 2002.

